

Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB

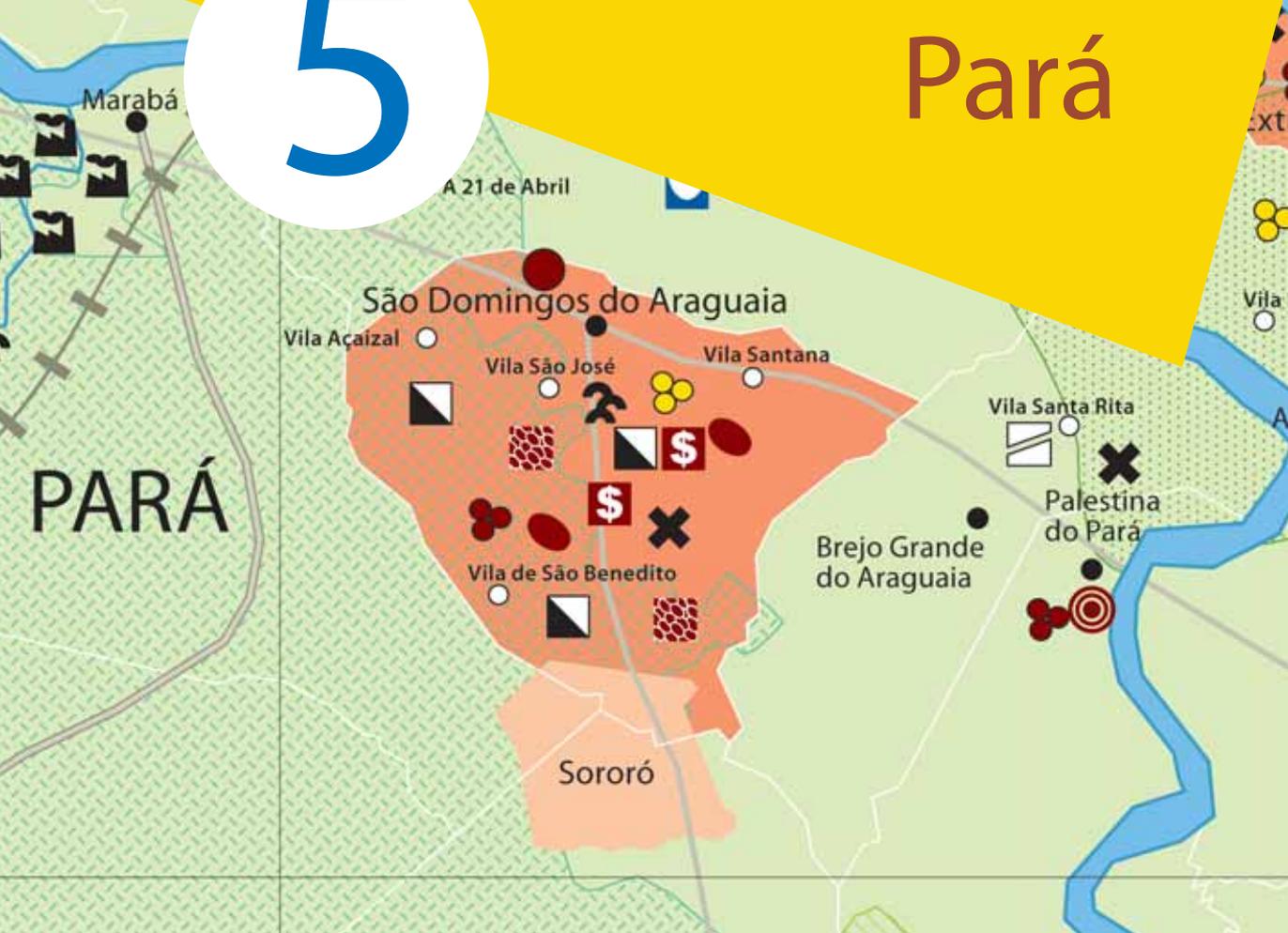


Nova cartografia social da Amazônia

Quebradeiras de coco babaçu

Pará

5



COORDENAÇÃO DO MIQCB

Coordenação Executiva

Coordenadora Geral

Maria Adelina de Sousa Chagas (Regional Mearim)

Vice-Coordenadora

Maria Querubina da Silva Neta (Regional Imperatriz)

Coordenadora Financeira

Cledeneuza Maria Bezerra Oliveira (Regional Pará)

Secretária Geral

Domingas de Fátima Freitas (Regional Piauí)

Secretária de Formação

Zulmira de Jesus Santos Mendonça (Regional Baixada)

Secretária de Comunicação

Emília Alves da Silva Rodrigues (Regional Tocantins)

Conselho Fiscal

Luzia Domingas dos Santos (Regional Pará)

Maria Eulália Mendes Nunes (Regional Baixada)

Eunice da Conceição Costa (Regional Imperatriz)

Claudisdean de Melo Silva de Oliveira (Regional Tocantins)

Antonia Gomes de Sousa (Regional Mearim)

Helena Gomes da Silva (Regional Piauí)

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 5

Quebradeiras de coco babaçu do Pará

São Luís, 2005

Projeto editorial

Alfredo Wagner Berno de Almeida

Equipe da pesquisa Guerra Ecológica nos Babaçuais

Alfredo Wagner Berno de Almeida (PPGSCA-UFAM)

Joaquim Shiraishi Neto (PPGDA-UEA)

Cynthia Carvalho Martins (PPGA-UFF)

Edição

Cynthia Carvalho Martins (PPGA-UFF)

Ana Carolina Magalhães Mendes

(Coordenadora Técnica do MIQCB)

Cartografia temática e geoprocessamento

Fabiano Saraiva

Claudia I. S. dos Santos

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8

www.designcasa8.com.br

Comissão Temática

Infra-estrutura

Maria Martins de Sousa (Regional Pará)

Geração de Renda

Maria Clarinda Maximiano de Oliveira (Regional Pará)

Reforma Agrária

Domingas Célia Machado Aires (Regional Baixada)

Tecnologia para o Aproveitamento Sustentável do Babaçu

Maria do Rosário Soares Costa Ferreira (Regional Baixada)

Organização e Processo Gerencial

Ely Querubina da Silva Santos (Regional Imperatriz)

Sustentabilidade Política e Financeira

Maria da Consolação do Nascimento Oliveira
(Regional Imperatriz)

Gênero e Etnia

Francisca Pereira Vieira (Regional Tocantins)

Formação e Capacitação

Beliza Costa Sousa (Regional Tocantins)

Lei do Babaçu Livre

Sebastiana Ferreira Costa e Silva (Regional Mearim)

Trabalho Infantil em Áreas do Babaçu

Diana Maria Sousa (Regional Piauí)

Comunicação e Informação

Francisca Rodrigues dos Santos (Regional Piauí)

Políticas Públicas

Maria Geralcina Costa Sousa (Regional Mearim)

Assessorias que acompanham a regional Pará

Coordenadora Técnica do MIQCB

Ana Carolina Magalhães Mendes

Assessora do MIQCB, Regional Pará

Clenilde Oliveira

Assessora de Comunicação do MIQCB

Lucimara Correa





LUCIMARA CORREA

Maria Martins de Sousa, Cledeuza Maria B. de Oliveira, Luzia Domingas dos Santos e Maria Clarinda Maximiano de Oliveira, coordenadoras do MIQCB, regional Pará

“A nossa luta é para preservação do meio ambiente e melhoria da qualidade de vida pela organização, cidadania e reprodução do nosso trabalho e da nossa cultura”.

“Achamos que a campanha é um avanço, uma melhoria para nós, para termos mais comunicação com as companheiras e aumentar mais a participação das companheiras para ver esses problemas que estão ocorrendo com o babaçu.”

Maria Adelina de Souza Chagas, Coordenadora Geral do MIQCB.

Esse fascículo vai ajudar a divulgar os problemas que estão ocorrendo aqui no Pará como a derrubada das palmeiras por trator, o envenenamento, isso está afetando diretamente na nossa vida. Nós não temos comércio para a amêndoa, isso dificulta, às vezes fazemos azeite e não conseguimos vender.

Cada dia nossas áreas de coleta estão mais distantes e nossas famílias sofrem ameaças para entrar nas áreas. Já estamos reivindicando o livre acesso, unidas com as outras companheiras do MIQCB.

Cledeneuza Maria Bezerra Oliveira, Luzia Domingas dos Santos, Maria Martins de Souza e Maria Clarinda Maximiliano de Oliveira, coordenadoras do MIQCB, regional Pará.

O QUE É O MIQCB?

O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) se constituiu a partir de um trabalho conjunto que envolve uma rede de organizações voluntárias tais como: associações, clubes, comissões, grupos de mulheres e cooperativas que lutam pela preservação dos babaçuais, pela garantia das quebradeiras de coco à terra, por políticas governamentais voltadas para o extrativismo, pelo livre acesso aos babaçuais e pela equidade de gênero. A partir do I Encontro, realizado em setembro de 1991, iniciou-se uma articulação das quebradeiras de coco do Mearim, e da Baixada (MA), do Norte do Piauí e da região conhecida como Bico do Papagaio que engloba parte dos estados do Maranhão, Tocantins e sudeste do Pará. A articulação se consolidou e já foram realizados 5 encontros, reunindo centenas de quebradeiras que a cada dia fortalecem a luta com uma consciência ambiental aguda e com uma percepção de seus direitos mais aprimorada. O último encontro ocorreu em dezembro de 2004 e face à gravidade dos problemas ambientais decorrentes dos desmatamentos de babaçuais as quebradeiras de coco decidiram realizar uma campanha contra as devastações e contra a venda do coco inteiro. Além disso, as quebradeiras de coco se manifestaram através de uma carta aos órgãos governamentais, que contem as seguintes reivindicações:



LUCIMARA CORREA

Quebradeiras de coco do Pará em intercâmbio com outras regionais

- **Desenvolvimento de tecnologias adequadas para a utilização integral do coco babaçu;**
- **O acesso das quebradeiras a programas governamentais que lidam com a saúde da mulher;**
- **A efetiva implantação das Reservas Extrativistas;**
- **A garantia do livre acesso aos babaçuais;**
- **A punição p/ aqueles que cometem crimes ambientais, devastação dos babaçuais, castanhais e seringais;**
- **A desapropriação imediata das áreas de conflito que envolve quebradeiras de coco**

As estratégias da campanha já citada foram definidas de acordo com a pesquisa que originou o livro “Guerra Ecológica dos Babaçuais”, levantando as principais problemáticas de cada regional. Um dos resultados deste trabalho consistiu num mapa



Sacolão de coco a ser recolhido pela TOBASA

da região ecológica dos babaçuais que identifica as situações de devastação, as territorialidades específicas correspondentes, as formas organizativas, a ocorrência de atos delituosos contra as quebradeiras, as unidades oficiais de conservação, as indústrias envolvidas nos desmatamentos e as grandes plantações de grãos (soja), as pastagens e outros cultivos homogêneos para fins industriais (dendê, eucalipto, mamona, cana de açúcar), cuja expansão sobre a área de ocorrência de babaçuais é preocupante.

Dentro da área ecológica de ocorrência dos babaçuais, que inclui 18 milhões de hectares, há ainda territorialidades específicas como as denominadas terras de quilombo, terras de santo, e terras de índio, terras indígenas, o território étnico impactado pela Base de Lançamento de Foguetes de Alcântara e 04 reservas extrativistas. Há ainda as mulheres que moram nas periferias urbanas e nas chamadas “pontas de ruas”, as sem terras, as que estão em áreas de conflitos agrários, as que moram em terras de Projetos de Assentamento e as que são pequenas proprietárias. A área de ocorrência dos babaçuais no Vale do Tocantins, que envolve parte do estado do Pará, corresponde a 290.000 hectares de terra.

Na regional do Pará, o MIQCB atua nos seguintes municípios: Palestina, Brejo Grande, São Domingos do Araguaia e São João do Araguaia.

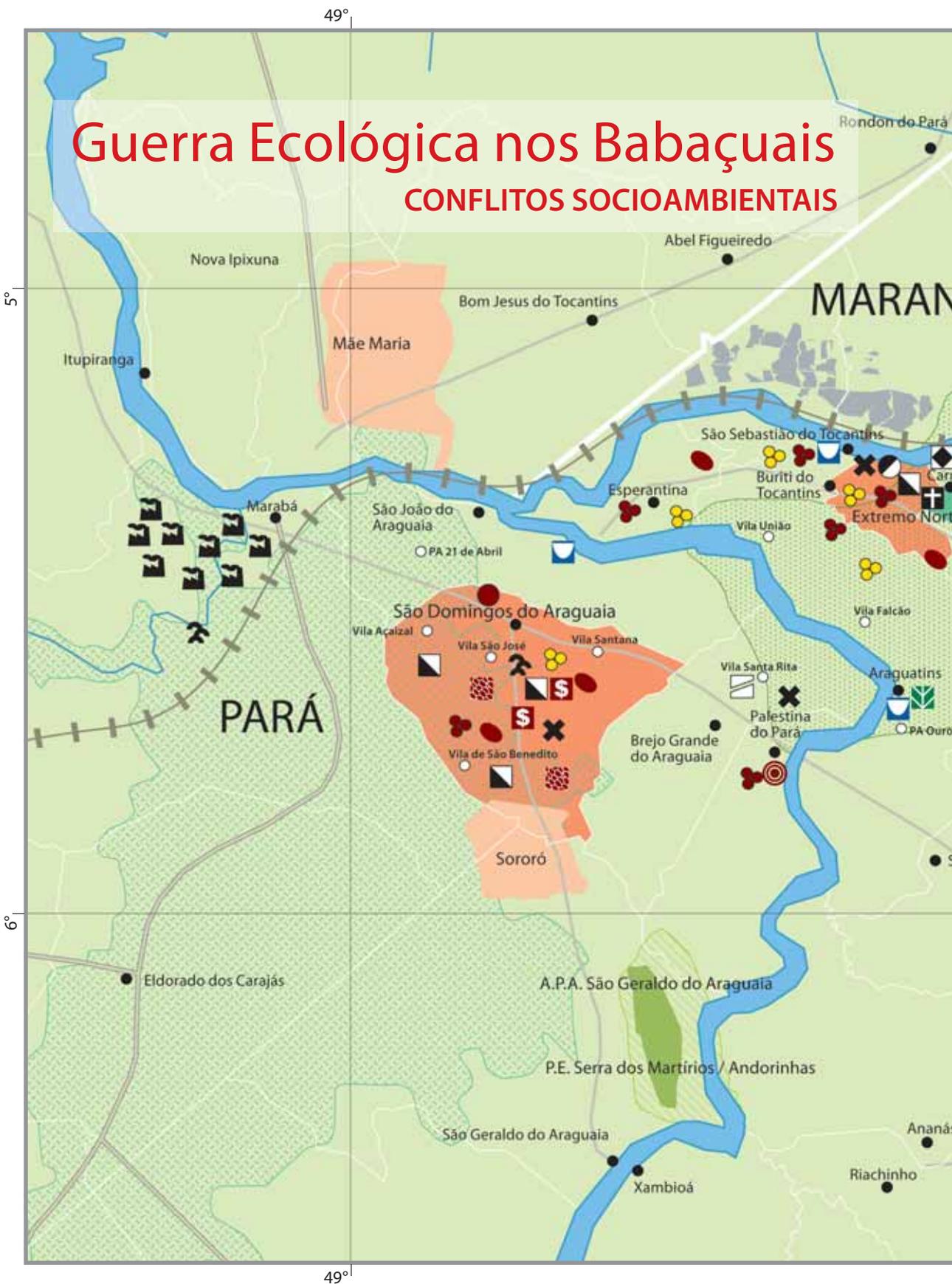
Os principais problemas identificados estão relacionados à ação de siderúrgicas, dentre elas a COSIPAR e a ação de empresas que beneficiam subprodutos do babaçu, como a TOBASA BIOINDUSTRIAL. Essas empresas vêm adquirindo coco inteiro na região de predominância dos babaçuais e, conseqüentemente, dificultado o acesso das quebradeiras aos recursos.

No Pará não há comprador de amêndoas como nas demais regionais do MIQCB e a alternativa tem sido a venda do azeite de coco. Em função dessa dificuldade a reivindicação das quebradeiras de coco inclui a concessão do salário no período da entressafra do babaçu, aliás, essa é uma reivindicação das quebradeiras de coco de toda a região ecológica dos babaçuais.

A pesquisa registrou as seguintes situações no Pará: devastações, envenenamento de pindovas, venda do coco inteiro, corte do cacho inteiro para venda do coco, produção de carvão de madeira, siderúrgicas de ferro gusa, arrendamento do coco e quebra de meia.

Guerra Ecológica nos Babaçuais

CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS





- Coordenações Regionais do MIQCB
- Associações e Grupos de Mulheres
- Associações de Reservas Extrativistas – RESEX
- Outras Formas Associativas (Grupos, Comissões e Clubes)
- Organizações Não Governamentais de Apoio às Quebradeiras de Coco
- Escolas Família
- Cooperativas Agroextrativistas
- Derrubada de Palmeiras
- Produção de Carvão do Coco Babaçu
- Compra do Coco Inteiro
- Corte do Cacho Inteiro para Venda do Coco
- Venda de Carvão de Coco Inteiro
- Venda de Carvão do Cacho da Palmeira
- Envenenamento de Pindovas
- Arrendamento de Coco
- Produção de Carvão de Madeira
- Indústria de Óleo e Sabão de Babaçu
- Siderúrgicas de Ferro Gusa
- Curtumes
- Cerâmicas
- Eucalipto
- Parque Estadual
- Municípios com “Lei do Babaçu Livre”
- Reserva Extrativista
- Área reivindicada pelo MIQCB
- Terra Indígena
- Ameaças de Morte
- Quebra de Meia
- Trabalho Infantil
- Violência Contra as Quebradeiras
- Aliciamento do Trabalhador
- Impedimento e Restrição
- Projeto Sampaio
- Área de Ocorrência de Babaçuais
- Área de Ocorrência de Castanhais
- Buritzal
- Bacurizal
- Fava d’Anta
- Sede municipal
- Povoado
- Limite municipal
- Limite estadual
- Rodovia principal
- Rodovia secundária
- Ferrovia
- Rio Intermitente
- Rio permanente
- Porto

A TOBASA BIOINDUSTRIAL

Na região de atuação do MIQCB correspondente ao regional do Pará a TOBASA BIOINDUSTRIAL, empresa que funciona em Tocantinópolis (TO) tem incentivado a cata do coco inteiro. É possível observar, ao longo das estradas os chamados caçambões, com o nome da empresa, cheios de coco inteiro. Nessa região, a concentração dessa atividade tem se verificado em alguns locais, sobretudo naqueles que se encontram próximos à Vila São José, ao longo da estrada que segue em direção à São Geraldo do Araguaia, passando pela Vila Metade.

No decorrer da pesquisa foi constatado que a cata do coco está sendo realizada em grandes propriedades voltadas para a criação de gado. Em virtude das pastagens degradadas os proprietários dessas áreas estariam vendendo diretamente o coco para a TOBASA ou arrendando o cocal. Nas situações de venda direta, é o proprietário o responsável por contratar os catadores para catar os cocos, que são colocados num sacolão na beira da estrada. A cada dia as quebradeiras de coco da região sentem mais dificuldade em adquirir o coco. O sacolão corresponde a um metro cúbico de coco e está sendo vendido para a TOBASA por R\$ 12,00. Nas situações de arrendamento, há um agente que realiza o arrendamento do cocal. O contrato de arrendamento é simples, envolvendo os responsáveis e a delimitação da área em que vai ser realizada a atividade e, por isso, o valor do pagamento somente poderá ser determinado ao final. Em função desse tipo de contrato, para os trabalhadores recrutados trata-se de catar o maior volume de cocos possível para que a atividade possa ser realmente lucrativa, sem qualquer preocupação em escolher os frutos que podem ser verdes, maduros ou podres.

A coleta do coco inteiro impede o aproveitamento integral desse recurso pelas quebradeiras e compromete a reprodução de muitas famílias. Apesar disso há um falso discurso ecológico, por parte das empresas que coletam coco inteiro, que afirmam preservar a natureza e promover um desenvolvimento sustentável. A pergunta que as quebradeiras fazem é: — como essas empresas podem promover sustentabilidade se estão tirando a sobrevivência das famílias que têm no extrativismo uma fonte de sobrevivência?



JOAQUIMS HIRAI SHI

*Caçambão da TOBASA
na beira da estrada*

As siderúrgicas do Pará e a produção ilegal de carvão vegetal



JOAQUIMSHIRASHI

Forno de carvão vegetal, Pará

“hoje nós estamos vendo o carvão ir embora junto com a amêndoa e depois temos que trazer ele de volta, comprando, ninguém vive sem carvão.”

Em Marabá há um parque industrial formado por 9 siderúrgicas, alimentadas por carvoarias e guseiras localizadas nas proximidades. Nessas unidades de produção do carvão vegetal há violações sucessivas das leis trabalhistas e desmatamento ilegal. Entre 2003 e 2004 foram libertados, a partir de uma vistoria do Ministério do Trabalho que identificava as situações de trabalho escravo, somente no estado do Pará, 15 trabalhadores de Jacundá; 58 em Brejo Grande do Araguaia; 58 em Itupiranga; 133 em Paraupébas e 385 em São Félix do Xingu; 526 em Santana do Araguaia e 94 em Repartimento.

Registramos em Marabá as seguintes siderúrgicas: Siderúrgica do Pará (SIDEPAR), Siderúrgica Marabá S.A, Cimara, Ferro Gusa Carajás S.A., Susa Industrial Ltda, Terra Norte Metais S.A., Companhia Siderúrgica do Pará (COSIPAR), USIMAR, Siderúrgica Ibérica do Pará S.A. e SIMARA. As cinco últimas siderúrgicas foram multadas esse ano, pelo IBAMA, por não comprovarem a origem legal do carvão vegetal que alimenta seus fornos e não apresentarem programas de reflorestamento. Segundo o IBAMA, nos últimos 5 anos, a exploração ilegal chegou a 7,7 milhões de metros cúbicos de carvão. Há ainda 4 siderúrgicas do Maranhão que também foram multadas em um valor que ultrapassa R\$ 500 milhões.

Há um trânsito direto do carvão produzido no Pará para as siderúrgicas do Maranhão, por esse motivo, recentemente houve um grande embate entre representantes desses dois estados, em função do aumento da taxaço do carvão na passagem de um estado para o outro. O pano de fundo dessa disputa intitulada “Guerra do Carvão” é a pretensão de instalação de uma grande siderúrgica que causará danos ambientais irreparáveis.

Dificuldades enfrentadas pelas quebradeiras de coco do Pará



Área cercada

***“o dono junta o monte, nós quebramos.
A amêndoa é dividida pela metade e
a casca fica com o dono, que dela faz carvão”***

Aumento dos catadores que disputam o coco com as quebradeiras – Essa situação, que coloca frente a frente os catadores e as quebradeiras de coco vem gerando uma série de conflitos pela disputa do coco babaçu, sobretudo quando os catadores entram nas áreas que são tradicionalmente utilizadas pelas mulheres.

O roubo do coco – Em algumas situações, as mulheres são obrigadas a saírem coletando os cocos nas “soltas” ou pastagens cercadas, deixando-os amontoados na beira da estrada. Os montes ficam escondidos no meio do mato para que não sejam vistos e roubados. Aí permanecem até que arrumem um “frete” ou transporte para trazê-los para a sua residência. O fato de terem que esconder os cocos, ao invés de amontoá-los livremente, representa uma mudança significativa nas práticas extrativas tradicionais. O simples fato de amontoá-los, em outras circunstâncias, já conferiria à quebradeira de coco que o fez, direitos sobre esses frutos, ou melhor, os cocos amontoados já sinalizavam produto do trabalho e pertencimento a determinada mulher. Hoje o aumento da disputa com as empresas, está levando ao roubo do coco, prática não constatada a pouco tempo atrás.

Pagamento de “frete” – como as áreas de coleta estão cada dia mais distantes, as quebradeiras precisam pagar um transporte para levar o coco até mais próximo de suas residências. Esse frete, por vezes, soma R\$10,00 para carregar em média 10 kg de coco, tal como ocorre na Vila São José, município de São Domingos do Araguaia.

Quebra de meia – As quebradeiras de coco são obrigadas a repassar a metade das amêndoas quebradas ao suposto dono da terra, juntamente com as cascas.

Formas organizativas



LUCIMARA CORREA

Lançamento da campanha contra devastação ambiental, no Piauí

As quebradeiras de coco da região do Pará estão organizadas em associações, grupos de mulheres e movimentos sociais. Já há uma sede do MIQCB em São Domingos do Araguaia. A organização cada dia se fortalece.

As quebradeiras do Pará também estão lutando pela garantia do livre acesso aos babaçuais e a lei já foi aprovada em São Domingos do Araguaia.

CONTATOS

Escritório Central do MIQCB

Rua Nascimento de Moraes 437 São Francisco 65076-320 São Luís MA

telefone 98. 3268-3357

www.miqcb.org.br miqcb@miqcb.org.br

Escritório MIQCB – Regional Pará (funciona no escritório da AMUSDA)

Rua Acrísio Santos s/n Centro 68520-000 São Domingos do Araguaia PA

telefone 94. 3332-1922

regionalpara@miqcb.org.br

AMUSDA

Associação das Mulheres de São Domingos do Araguaia.

Rua Acrísio Santos s/n Centro 68520-000 São Domingos do Araguaia PA

telefone 94. 3332-1922

regionalpara@miqcb.org.br

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- | | | | |
|---|---------------------------------------------------|----|-------------------------------------------|
| 1 | Quebradeiras de coco babaçu do Piauí | 6 | Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz |
| 2 | Quebradeiras de coco babaçu do Mearim | 7 | Quilombolas do Marajó |
| 3 | Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins | 8 | Quilombolas do Maranhão |
| 4 | Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense | 9 | Quilombolas do Baixo Amazonas |
| 5 | Quebradeiras de coco babaçu do Pará | 10 | Atingidos pela Base de Alcântara |

REALIZAÇÃO



APOIO



act:onaid
brazil



Brot
für die Welt



PARCEIRO LOCAL

AMUSDA

